

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS
CAMPUS SÃO BERNARDO

MARIA DO SOCORRO NASCIMENTO DA COSTA

A GERAÇÃO DA UTOPIA: a representação dos jovens na construção da
independência de Angola

São Bernardo - MA

2017

MARIA DO SOCORRO NASCIMENTO DA COSTA

A GERAÇÃO DA UTOPIA: a representação dos jovens na construção da
independência de Angola

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Licenciatura em Linguagens e Códigos da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de Licenciatura em Linguagens e Códigos com habilitação em Português.

Orientadora: Profa. Msc. Claudia Leticia
Gonçalves Moraes

São Bernardo – MA

2017

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Nascimento da Costa, Maria do Socorro.
A GERAÇÃO DA UTOPIA: A REPRESENTAÇÃO DOS JOVENS NA
CONSTRUÇÃO DA INDEPENDENCIA DE ANGOLA / Maria do Socorro
Nascimento da Costa. - 2017.
49 f.

Orientador(a): Claudia Líticia Gonçalves Moraes.
Curso de Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa,
Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, 2017.

1. Angola. 2. Literatura africana. 3. Pepetela. 4.
Romance. I. Gonçalves Moraes, Claudia Líticia. II.
Título.

MARIA DO SOCORRO NASCIMENTO DA COSTA

A GERAÇÃO DA UTOPIA: a representação dos jovens na construção da
independência de Angola

Aprovado em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Msc. Claudia Leticia Gonçalves Moraes

Mestre em Interdisciplinar em Cultura e Sociedade
Universidade Federal do Maranhão - Campus São Bernardo

Prof.^o Dr. Edmilson Moreira Rodrigues

Doutor em Estudos Literários
Universidade Federal do Maranhão - Campus São Bernardo

Prof.^o Dr. Clodomir Cordeiro de Matos Junior

Doutor em Sociologia
Universidade Federal do Maranhão - Campus São Bernardo

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, pelas oportunidades ao longo da minha vida, e não somente nestes anos como universitária.

Ao meu marido Alexandre Queiroz, pelo incentivo e apoio incondicional, me ajudando em todos os momentos de dificuldades, sem ele provavelmente não teria conseguido.

Aos meus pais, Edilson e Lucineide, pessoas de que tanto me orgulho e que sempre me apoiaram nos estudos e nos bons e maus momentos.

Aos meus amados irmãos: Bernardo Élson, Maria das Graças, Antônio Neto e Edenilson Dias, que contribuíram de várias formas nessa caminhada.

À minha amada 'vó', Terezinha Ribeiro, que tanto amo e admiro, e minha afilhada Cibelly Nascimento.

À minha orientadora Claudia Moraes, por brilhantemente ter me rerepresentado a Literatura – principalmente a africana - Agradeço também ao empenho dedicado, a paciência e correções na elaboração deste trabalho.

A todos os meus professores que contribuíram imensamente na minha formação profissional, fazendo ampliando meus horizontes.

Aos amigos que a UFMA me presenteou: Angeirley Silva - minha companheira de todos os momentos, que quando precisei me acolheu em sua casa; Carliane Cruz, minha amiga e parceira de trabalhos acadêmicos; Aparecida Gomes, que sempre me ajudou quando precisei, acolhendo-me em sua casa por diversas vezes; aos amigos que fiz em Santa Quitéria, Jessyca Regina, Helba Araújo, Jesiel nascimento, e, principalmente, àqueles que me aguentaram nos momentos de dúvidas, incertezas e estresses, como a Janaina Santos, minha amiga guerreira, e Katiane Alves minha amiga de longa data.

A todos aqueles que contribuíram direta e indiretamente para essa conquista.

[...] Mas forçosamente o texto de história, é uma coisa fria...e as pessoas acabam por imaginar o que seria, mas não compreendem profundamente, e aí é o papel do romance, fundamental, para a nova geração conseguir “viver” um pouco o que era a vida antes [...] (PEPETELA, 1985)

RESUMO

Este trabalho tem como propósito fazer uma análise do romance **A Geração da Utopia**, do angolano Pepetela. O presente estudo objetivo analisar aspectos importantes na construção da independência de Angola, *in lócus* a representação dos jovens angolanos nesse processo, assim como na também representação desses jovens angolanos na transição de utopia para distopia e nesse íterim a construção de nação ao longo das duas primeiras partes do romance do autor. Para esta análise será necessária uma breve discussão acerca de algumas categorias fundamentais para o trabalho, tais como: o contexto da lusofonia, o início da literatura em Angola e seu contexto de produção e o projeto literário do autor. Esta é uma pesquisa bibliográfica, que está sob amparo de autores como Fonseca (2015), Amâncio (2014) e Chaves (2005) que debatem sobre o desenvolvimento das literaturas africanas de língua portuguesa no contexto pós-colonial, o que coaduna com a proposta de Pepetela no referido romance. Como resultado, chegamos à conclusão que no acompanhar da trajetória dos jovens intelectuais que compõem as personagens e que idealizaram um país utópico no decorrer do romance criam discursos que vão ganhando outras formas, percebendo o início de um processo de distopia, desilusão para alguns, assim como mudanças de um discurso idealista para oportunista.

Palavras-chave: Literatura Africana. Análise literária. Angola.

ABSTRACT

This work has as purpose to make an analysis of the novel *The Generation of Utopia*, of the Angolan Pepetela; The present study aims to analyze important aspects in the construction of the independence of Angola, in loco the representation of Angolan youth in this process, as well as in the representation of these Angolan youth in the transition from utopia to dystopia and in the meantime the construction of nation along the first two Parts of the author's novel. For this analysis it will be necessary a brief discussion about some fundamental categories for the work, such as: the context of lusophony, the beginning of the literature in Angola and its context of production and the literary project of the author. This is a bibliographical research that is supported by authors such as Fonseca (2015), Amâncio (2014) and Chaves (2005) who discuss the development of Portuguese-language African literatures in the postcolonial context, which is in line with the proposal Of Pepetela in that novel. As a result, we came to the conclusion that in following the trajectory of the young intellectuals who make up the characters and who idealized a utopian country in the course of the novel, they create speeches that are gaining in other forms, perceiving the beginning of a process of dystopia, disillusionment for some, as well As shifts from an idealistic to an opportunist discourse.

Keywords: African Literature. Literary analysis. Angola.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	A SINGULAR LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA	10
2.1	Um recorte da literatura angolana	14
3	PEPETELA E SEU PROJETO LITERÁRIO	18
4	A GERAÇÃO DA UTOPIA: contextualizando a obra	23
4.1	A CASA: a geração como protagonista	26
4.2	A CHANA: mudanças no discurso, aspectos sociais e valores individuais dos personagens	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

A literatura, com sua forte forma de expressão de cultura de um povo, tem historicamente um papel relevante para o homem enquanto sujeito de uma sociedade, criando um elo entre o sujeito e sua prática, fazendo-o repensar suas vivências, cultura e identidade, ou seja, possui, também, uma função social. Tendo em vista o exposto, encontramos nesse quadro a literatura africana, que tem um papel inovador quando utiliza da força da palavra para transportar vibrações do passado, presente e futuro para o texto escrito, sendo produzida em contextos sociais e culturais definidos.

Por esta perspectiva, considerando os muitos estudos e escritos sobre a africanidade e sua cada vez mais crescente cultura literária - que vai desde seu processo de libertação até a atualidade – houve aqui a necessidade de se empreender um estudo e análise de uma obra do escritor Pepetela, africano, angolano, ex - guerrilheiro e escritor que em suas obras reafirma e mostra seus interesses sociais e políticos em períodos diferentes da história da África (colonial e pós-colonial). Refletindo, deste modo, suas vivências e práticas enquanto sujeito de uma sociedade em construção. Assim, o presente estudo traz questionamentos sobre a representatividade dos jovens nos movimentos de libertação, bem como demonstra o processo de distopia desses jovens personagens de seu romance. Considerando tanto o que a língua quanto a literatura representavam no período colonial até as lutas de libertação nacional, é importante frisar que um dos seus principais objetivos era o uso das mesmas como armas anticoloniais em vários países africanos, especificamente Angola, fazendo um panorama histórico-literário. O crítico Alfredo Margarido pontua que “A elaboração intelectual angolana (...) precede quase sempre a ação” (1980, p.331), ou seja, as batalhas aconteciam primeiramente nas páginas de um livro, para depois irem para as práticas sociais.

Isto posto, optou-se aqui por investigar a obra **A Geração da Utopia**. No caso de nossa análise nos chamou a atenção compreender quais as contribuições que os jovens fazem ao longo da obra para o processo de libertação

de um país (Angola), assim como em que momento os ideais de uma geração utópica começam a se esvaír, em um processo de distopia.

Para esse estudo, inicialmente, houve a etapa de leituras referenciais sobre os diversos aspectos da literatura africana, depois uma leitura minuciosa da obra para destacar os discursos aqui analisados, assim como o posicionamento dos personagens perante os questionamentos suscitados por este trabalho. Como forma de entendermos melhor esse processo da construção dessa literatura de combate, especificamente em Angola, utilizamos a obra de Amâncio (2014), que trata principalmente sobre a singular literatura angolana e engloba as primeiras publicações de revistas em Angola, mostrando o papel relevante da imprensa; nos apropriamos também de Fonseca (2015) que trata sobre as características intrínsecas da produção das literaturas africanas de Língua Portuguesa, e, Chaves (2005) que vem contribuir muito com teorias sobre os processos de produções e os movimentos literários angolanos, além de acrescentar sobre o projeto literário de Pepetela.

O presente trabalho foi dividido sob três óticas: na primeira iremos tratar, no primeiro capítulo, sobre a Literatura africana de Língua Portuguesa, trazendo aspectos relevantes sobre essa produção literária, considerando entre muitas assertivas a da epistemologia e da língua europeia escolhida para o registro literário; sob a segunda ótica, no subcapítulo e capítulo dois, respectivamente, iremos trazer informações pertinentes sobre a literatura angolana e seu projeto literário, assim como também o projeto de Pepetela e por último, sob a ótica da análise da obra que é baseado na representação dos jovens angolanos na independência de seu país, mostrando a priori o princípio de esperança, e a mesmo tempo a formação intelectual desses jovens, e por fim a saída desses jovens da teoria para a prática, indo para guerrilha, o ferrenho combate pela independência. Nessa última podemos facilmente perceber a transição de utopia para distopia na construção da nação angolana, morrendo assim as promessas e os ideais coletivos.

2 A SINGULAR LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Dando partida à nossa análise, é importante compreendermos alguns aspectos históricos e culturais da África, conhecendo dessa forma quais as inspirações do autor para suas produções, intentando compreender como se dá o processo de construção da literatura africana de língua portuguesa e o mais importante, o da literatura Angolana especificamente. Primeiramente, é de extrema importância que saibamos evitar alinhamento da África de acordo com as normas estrangeiras e às singularizações excessivas podem nos atrapalhar, tendo que haver um equilíbrio, ao compreendermos que existem realidades distintas, mas que em alguns casos teremos que beber da fonte ocidental, desse modo se torna mais clara a análise da África e suas particularidades de produções literárias.

A vasta riqueza da literatura africana dos países de língua portuguesa nos faz repensar toda a epistemologia literária existente, incitando uma reflexão sobre a pouca produção de conhecimento sobre o continente africano, e os restritos conhecimentos existentes não são suficientes para explicar a essência deste continente, tampouco a sua literatura e suas riquezas culturais. Assim, o que se observa ainda é uma crítica superficial, o que nos leva a questionar: Onde se situam os africanos no próprio campo da elaboração do conhecimento?

No Brasil são crescentes as pesquisas no campo literário africano de Língua Portuguesa, isso se tornou mais frequente com a lei 10.639¹ de 2002, que determina o ensino da história e da cultura africana nas escolas de ensino fundamental e médio. Uma das maneiras de conhecer uma cultura, história, costumes e tradições é através da literatura, e dessa forma a riqueza literária africana lusófona foi ganhando corpo no Brasil, com esse crescente interesse nas produções africanas o mercado editorial investiu em publicações, os críticos literários desenvolveram mais pesquisas e surgiram muitos programas de pós-

¹ http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2010.639-2003?OpenDocument.

graduações em grandes universidades de prestígios, tais como a UERJ, PUC, UFMA e entre outras.

Resultado do contato com as diversas pesquisas, obras fascinantes e excêntricas da literatura africana lusófona, e também as produções teóricas conhecida na academia, é que surgiu o interesse nesta análise, que inicialmente será realizada a partir de teorias já existentes sobre a literatura africana de língua portuguesa, teorias sobre a literatura angolana e seu processo histórico, étnico e estético, que em grande maioria foram os resultados de pesquisas realizadas no Brasil, e que a partir desse estudo cultural e contextual é que entenderemos a obra analisada e seu processo de produção. É bom lembrar que, na tentativa de situar o africano na elaboração de conhecimento, temos que considerar que as literaturas africanas ainda então se constituindo como sistemas, assim como tantas outras, e que a função de relembrar fatos e dados é uma construção genuína de textos literários africanos.

É também importante observar que a escolha da análise de uma obra não listada na preferência dos escritores-críticos nos dá certa responsabilidade e um grande desafio, pois é com pesquisas deste cunho que obras como essas podem ganhar espaço e possivelmente compor as listas de obras consideradas clássica. Assim, esse trabalho não segue trilhas já abertas por outros, e por isso esta é uma escolha guiada apenas pelo gosto e pela representação do valor que a literatura ora analisada apresenta.

Segundo Maria Nazareth Soares Fonseca (2015)

O aparecimento das literaturas de língua portuguesa na África resultou, por um lado, de um longo processo histórico de quase quinhentos anos de assimilação de parte a parte e, por outro, de um processo de conscientização que se iniciou nos anos 40 e 50 do século XIX, relacionado com o grau de desenvolvimento cultural nas ex-colônias e com o surgimento de um jornalismo por vezes ativo e polêmico que, destoando do cenário geral, se pautava numa crítica severa à máquina colonial.

Entendemos, desta maneira, que a literatura africana se desenvolveu no mesmo período em que as antigas colônias africanas passavam por turbulentos processos de independência, procurando retratar a dura realidade vivida pelos pobres, negros e excluídos, buscando apagar a imagem até então

disseminada pelo sistema colonial. Além de se valer, em seus textos, de traços culturais e do rico manancial das tradições orais.

Parafraseando Fonseca, que afirma que os autores de literatura africana de língua portuguesa transitavam geralmente em dois espaços, e isso gerava certa tensão devido ao uso da língua europeia, no caso a Língua Portuguesa, para registrar os conflitos e realidades distintas. É evidente que os autores se apropriavam dos espaços diferentes e transitavam livremente entre os mesmos, pois em suas produções sofriam influências das correntes e movimentos da Europa, assim como utilizavam as manifestações e tradições linguísticas adquiridas com contato. Essas questões que envolvem a linguagem literária e seus embates foi o que levou ao surgimento de projetos literários com características semelhantes em cinco países Africanos quem têm a língua Portuguesa como língua oficial.

A crítica e os historiadores concordam que os fundamentos desses momentos caracterizam-se pelo surgimento de movimentos literários significativos ou de obras importantes para o desenvolvimento das literaturas, entre os quais podem ser citados:

- a) em Cabo Verde, a publicação da revista *Claridade* (1936-1960);
- b) em São Tomé e Príncipe, a publicação do livro de poemas *Ilha de nome santo* (1942), de Francisco José Tenreiro;
- c) em Angola, o movimento “Vamos descobrir Angola” (1948) e a publicação da revista *Mensagem* (1951-1952);
- d) em Moçambique, a publicação da revista *Msaho* (1952);
- e) na Guiné-Bissau, a publicação da antologia *Mantêhas para quem luta!* (1977), pelo Conselho Nacional de Cultura. (FONSECA, 2015)

Na tentativa de “angolanizar a literatura”, inicia-se nesse momento um projeto, que torna-se o ponto inicial do movimento dos novos intelectuais de Angola; o segundo momento foi o período de guerrilha; o terceiro, porém não o último, é o fato da tão esperada libertação de Angola.

Angolanizar a literatura, tentativa configurada também como uma tradução local do sentimento de africanidade que percorria todo continente, passava pela atitude de pensar a própria questão da língua em que iriam expressar as novas verdades. Aos sentidos atentos uma indagação logo se abriu: como exprimir uma cultura nova, identificada com a libertação, através de um código que foi também dominação? (CHAVES, 2005, p.71)

Com o início da produção angolana, os escritores se deparam com uma situação difícil: a escolha de uma língua. Isso porque se iniciava a partir da

utilização da língua todo um trabalho de combate e anúncio de uma nova realidade e o reconhecimento de uma identidade cultural. Logo, levando-se em conta a questão língua - ou línguas - nas produções literárias africanas, considera-se que mesmo sendo o português a língua oficial de vários países africanos se percebem as dificuldades de aceitação de escritos nessa língua. Isso acontece devido a existência de várias línguas locais – como o crioulo e suas variantes dialetais - e o motivo maior desse dilema é o fato do português ser uma língua europeia, a língua do colonizador. Assim, ao considerar a língua um fator de cultura, que tanto reflete quanto produz uma realidade, o artista encontra-se em um impasse na utilização de uma língua com suas condições internas e externas. Deste modo, o artista se apropria do português sem que o uso da língua do colonizador implique na perda da essência do seu projeto sócio-político-cultural.

Percebe-se desta forma mais uma tensão em relação às produções africanas, primeiro pelo fato da não existência de uma epistemologia africana, segundo pelo fato de escritores africanos utilizarem a língua portuguesa para expressar-se, contar fatos históricos e culturais, narrar acontecimentos do cotidiano fortemente marcados pela história em espaços bilíngues e multilíngue. Apesar da importância da língua, não nos restringiremos a ela, mas pontuaremos sua importância para a escrita literária na África.

Sobre a questão linguística, tensões existentes e caminhos trilhados pela literatura nos espaços colonizados, Fonseca (2015, p.36) afirma:

Nas literaturas africanas, tais tensões estão presentes nos embates ferrenhos travados em defesa do uso mais desarmado das línguas europeias, ainda no período colonial, e na experiência desconstrutora, legitimada por produções literárias de escritores que, intencionalmente, rasuram a língua literária para fazer dela um instrumento capaz de assumir as misturas que se efetivam em culturas caracterizadas por uma grande diversidade de línguas e de costumes.(...) A escrita literária, considerada veículo para a concretização de identidades culturais, híbridas, mescladas, imprimi, na língua oficial de cada espaço, marcas e tons diferenciados.

A autora pontua que alguns escritores utilizam na construção de seus textos duas ou mais línguas, isso intencionalmente, ou fazem uma dupla escrita - crioulo e português - motivo esse de fortes debates e reflexões a respeito do uso da língua oficial como língua literária nos recentes países africanos

independentes, sendo essas algumas das opções literárias e também políticas tomadas pelos autores.

Dado isso, nos apropriaremos de teóricos que tratam sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, como é o caso de Fonseca (2015). Vamos nos embasar também em Amâncio (2014) que vem trazendo conceitos e teorias sobre a literatura Angolana do pós-independência, Chaves (2005) faz muitas contribuições sobre a literatura angolana e sobre o projeto literário de Pepetela, Abdala Junior (2002) e a própria obra aqui analisada **A Geração da Utopia**.

2.1 Um recorte da literatura angolana

Angola, com sua singular trajetória na construção de uma sociedade, contribui significativamente para um estilo literário bem diferente dos demais, com histórias fictícias que muitas vezes se confundem com a história do próprio país, tais como a luta militar e política por libertação, a busca por uma identidade cultural, as corrupções políticas durante o processo de libertação e a distorção de etnia e raça por oportunistas. Posto isso, compreendemos melhor o processo de produção literária angolana e de outros países africanos.

O continente africano, além de sua vasta extensão territorial, também tem uma vasta riqueza cultural em seus vários países, incluindo a literatura e sua singular forma de produção. Com isso, iremos nesse estudo discorrer um pouco sobre Angola e suas formas de produção literária, que tem como princípio uma literatura de combate colonial, sendo a literatura uma arma para enfrentamento do imperialismo e reivindicação de uma identidade. Chaves (2005, p.70) faz uma excelente colocação em relação ao nascimento dessa literatura especificamente, onde ela discorre: “[...] a literatura Angolana parece atribuir-se a função de desenhar o rosto de um povo ainda sem ele, de dar voz a uma gente ainda condenada ao silêncio.”

Diante disso, Angola se mostra em vários momentos da/na história como um dos países que tem uma rica produção literária e uma geração intelectual com uma qualidade excepcional em suas construções ficcionais que se

confunde com a realidade. Considerando a trajetória literária desse país, ela se divide em dois momentos, segundo alguns autores; sendo o primeiro o momento ou situação de independência e o segundo o nascimento duma consciência nacional; Nesse primeiro momento, que se inicia em meados do século XIX, há uma forte ligação de produção com a metrópole portuguesa, sendo dessa maneira preconizada a assimilação ou explicação da cultura angolana pela cultura europeia, coisa ou fato sem sentido, pois são experiências e vivências de produções completamente distintas.

Dando-se início deste modo ao segundo momento da literatura angolana (em meados de 1892) essas publicações acontecem paralelamente com as ações subversivas de intelectuais portugueses na colônia, como por exemplo em jornais e panfletos. Com as contribuições desses ensaios, entre outras inspirações, iniciam-se assim as primeiras publicações em Luanda, com fortes contribuições de historiadores, biógrafos e jornalistas, e assim se inicia o percurso crioulo, com suas faces de protesto, ambiguidade ou submissão, ao longo do processo colonial que acompanhariam, se apropriando do verbo como algo eficaz para a formação ou preparação de um novo corpo social. Pois ao nacionalizar a literatura trazia-se para o centro da criação todo um conjunto de temas e procedimentos teóricos, e dessa forma foi-se aos poucos concretizando o afastamento do repertório do colonizador, e assim conquistando a tão sonhada autonomia cultural.

Portanto, a imprensa teve um papel fundamental na construção literária angolana, pois tornou-se um veículo efetivamente de união entre os intelectuais brancos, negros e mestiços – influenciados por ativistas de origem europeia - no intuito de demarcarem a produção literária local, fazendo uso do jornal e panfleto. A atividade jornalística assumiu entre os muitos papéis o de informar, contestar e entreter, isso tudo mediante as atrocidades e mazelas da colonização.

Existiam inclusive, jornais manuscritos que circulavam pelos musseques. A atividade jornalística-literária perdurou até a década de 1920, quando a imprensa estabelecia, de fato, uma comunicação efetiva com os povos de várias localidades angolanas, por explicitar seus anseios e preocupações. (CHAVES, p.17,2005)

Com isso, o princípio da literatura angolana, apesar de ter sido por portugueses instalados em Angola e que se identificavam com a sociedade na qual viviam, tinha um carácter puramente antiescravista e anticolonialista, que com o tempo foi “tomada” pelos angolanos, estes dando início às produções que tinham como pano de fundo suas histórias, enaltecimento da natureza, a mulher negra num processo de reivindicação de uma identidade através de versos, prosas e crônicas, além da apropriação simbólica do território invadido. Desta forma houve uma apropriação do passado em ficções para instruir o futuro. Há exemplo de publicações literárias que fizeram isso, podemos citar Paixão Franco, com a sua **História de uma Traição**, de 1911, e Francisco Castelbranco, muitos anos depois, com a **História de Angola**. Diante disso conclui-se que há sim uma forte relevância do compromisso com a história do país expressa na literatura angolana, e que essa sempre foi uma forte característica.

O fim-de-século, simultaneamente frívolo e sério, aí se pronuncia na associação entre «gosto da literatura» e «distracção», nessa primeira publicação do seu tipo, dirigida e colaborada por angolanos. Esse mesmo espírito é o que determina o lançamento dos novos «*Ensaio Literários — Propaganda e Instrução*», publicação semestral, datada de Luanda, 1902, mas impressa em Lisboa, Imprensa de Libânio da Silva, no mesmo ano. (OLIVEIRA, 1985)

O lançamento de novos *Ensaio Literários* desencadeou uma serie de fatos, como por exemplo, um exímio percurso crioulo com os demais protestos e o corte dos laços com a metrópole.

Esse protesto assume um carácter colectivo, não só pela autoria que aparece impressa no seu rosto, dos «Naturaes», mas porque efectivamente, por investigações feitas se conclui que foram seus autores quase todos os africanos que, no ano da sua publicação eram vivos e que antes haviam assumido o papel de relevo na imprensa crioula angolana dos dois-três últimos decénios do século XIX. (OLIVEIRA, 1985)

Apesar desse papel importante da imprensa com ideias de autonomia, independência e separação, vale ressaltar que a ação literária se deu, predominantemente, em relação à poesia, mas foi somente através da imprensa, com a atividade jornalística-literária, que houve uma comunicação efetiva com o povo. Apesar de inicialmente incentivados por autores ativistas portugueses, a maioria dos autores eram angolanos.

Em reposta ao regime repressivo de Salazar surgiu o movimento “vamos descobrir Angola” em 1948, liderado pelos novos intelectuais de Angola, tais como: Viriato da Cruz, António Jacinto, Agostinho Neto e Mario António. Lançando desta maneira uma arma anticolonialista: a atividade literária; influenciados por alguns **movimentos revolucionários** que tem como consequência a “ruptura definitiva com os modelo linguístico-literário português ao inserir, nele, semânticas e temáticas étnicas angolanas [...]” (AMANCIO, 2014, p. 17).

Com a forte evidência que a literatura angolana tem e uma grande relação e compromisso com a história do país, é importante ressaltar que além de um compromisso com a necessária mudança social, existia também um forte compromisso com a arte.

Paralelamente com a história, levou grandes escritores angolanos - assim como Pepetela - a produzirem uma literatura singular em Angola, além de ser também um instrumento de afirmação da nacionalidade e a construção de uma identidade nacional. É nítido nos escritos angolanos a necessidade de mostrar as contribuições dos heróis e os falsos heróis do passado para o engrandecimento ou detrimento do presente, assim como os escritores também fazem constantes regressos ao passado sempre na tentativa de compreender o presente desalentador. Ao analisarmos isso CHAVES (2005, p. 61) afirma:

Em confronto muito direto com a ruptura imposta por esse complicado processo histórico, conhecendo e formando-se numa sociedade em que a fragmentação é um dado do cotidiano, o gesto de refletir incisivamente sobre a formação da realidade que o rodeia e as formas que ela ganhando é um ato de resistência quase natural ao escritor angolano.

Os questionamentos e reflexões sobre os anos de luta que levou ao 11 de novembro de 1975, inspiraram muitos escritores na produção literária angolana, sendo a partir daí que novas vozes são ouvidas, no intuito de desmistificar e mostrar a história através de uma outra ótica, ou seja, “a retrovisão, instrumento poderoso do historiador, é apropriado pela literatura e refazem-se os ciclos” (CHAVES, 2005, p. 57). Partindo desse princípio, autores como Pepetela e José Eduardo Agualusa utilizam pesquisa histórica como pano de fundo em algumas de suas obras, fazendo essa incursão ao passado. Pepetela, por

exemplo, em seu romance *Mayombe* (1980) traça a épica luta guerrilheira e posteriormente em *A Geração da Utopia* (1992) ele faz uma espécie de balanço em relação a essa geração que apostou na independência com ideologias consideradas utópicas.

3 PEPETELA E SEU PROJETO LITERÁRIO

O poeta pode evitar o caos quando consegue assegurar à palavra o direito e poder de continuar fundando utopias (Chaves, 2005, p.63)

Antes de iniciar a análise aqui pretendida, é importante fazer um breve histórico do autor Pepetela e suas maneiras singulares e subjetivas de produção, obedecendo uma ordem cronológica. Pepetela é o pseudônimo de Artur Carlos Mauricio Pestana dos Santos, nascido em Benguela na Angola em 1941, realizou seus estudos primários e secundários nas cidades de Benguela e Lubango. Em 1960 ingressou na Faculdade de Engenharia em Lisboa, logo depois optou por Letras, em 1962 saiu de Portugal para Paris, por razões políticas, passou seis meses na Argélia, onde se licenciou em sociologia e trabalhou sendo um dos líderes do MPLA - Movimento Popular pela Libertação de Angola - e no centro de estudos Angolanos – que ajudou criar.

Em 1969 foi chamado para participar diretamente na luta pela libertação de Angola, em Cabinda, ocasião esta que adotou como nome de guerra Pepetela, que depois se tornou seu pseudônimo literário. Concomitantemente em Cabinda foi guerrilheiro e responsável pelo setor de educação. Exerceu, de 1976 até 1982, após a independência de Angola, a função de vice-ministro de educação. Atualmente tem ocupado cargos diretivos na União de Escritores Angolanos, é membro da Academia de Letras de Lisboa e presidente da assembleia de cultura.

A construção da nacionalidade, em vários aspectos, e sua trajetória de vida política e social se tornou fonte de inspiração em algumas de suas obras,

além da forte preocupação com a formação da nação angolana. Pepetela é um escritor sobretudo de prosa, com foco em contos e em romances, no qual percebe-se a forte preocupação com temáticas baseadas no contexto vivido, no caso de Angola - e na África em geral - o processo de colonização e seus efeitos, além da então utópica independência.

Até 2005, eram 10 obras já editadas, algumas com as temáticas acima citadas, incluindo o primeiro romance **Mayombe** (1980), escrito durante os conflitos, tratando do cotidiano da guerrilha; **As aventuras de Ngunga** (1973) **Muana Puó** (1978) ; **A Gloriosa Família** (1997) **Yaka** (1983) **Geração da Utopia** (1992), **Contos de Morte** (1999) , **O Planalto e a Estepe** (2009) e entre outras obras que vem trazer outras temáticas características de cada momento vivenciado na África, seja na época da colonialismo, pós colonialismo e na luta pela independência e em alguns casos após a independência . Trata-se de um dos escritores mais conhecidos e premiados de Angola. Suas obras já ultrapassaram as fronteiras da língua portuguesa, sendo publicado em outros países, como por exemplo no Japão.

Tal como outros escritores Angolanos, Pepetela é reconhecido principalmente pelos seus vários romances, mesmo tendo se arriscado em outros gêneros, como contos e texto teatral. Seu projeto literário, no entanto, está mais ligado às narrativas mais longas, desta maneira vem sendo fiel até o momento ao gênero romance. Sobre a relação de Pepetela e o gênero romance, percebemos que

Graças à sua capacidade de combinar a capacidade analítica com uma dose de transfiguração do real, o gênero se mostra ao escritor uma via adequada para melhor abrigar as suas interrogações e discutir os fragmentos apanhados da realidade angolana. (Chaves, 2005, p,87)

Apesar de ter se aventurado em outros gêneros, fica claro que no gênero romance é onde o escritor mais se encaixa e se sente à vontade, pois além de ter a liberdade de transpor sua voz e ideologias à algum personagem, ele também trata de questões sociais apanhadas da realidade de seu país, Angola.

Considerando deste modo as produções do seu projeto literário Angolano, Pepetela usa também como inspiração sua relevante trajetória de vida,

este fato ganhou um papel importante em suas obras, sendo muitas vezes utilizados como uma das principais inspirações ou pano de fundo para a construção de alguns personagens, sempre trazendo suas experiências, ideologias e pensamento filosóficos nas vozes dos personagens. Sendo estes médicos, filósofos, estudantes, guerrilheiros, literatos, jogador de futebol e políticos.

Pepetela não hesita em seguir variados caminhos: recorre a mitos, vai às fontes de História, subverte-se ; reinventa o passado; e crítica; satírica ou acidamente o presente. (Chaves, 2005, p.87)

O escritor angolano, com sua “literatura de combate” voltada para a temática de guerrilha e a construção de uma identidade nacional, vai se reafirmando política e socialmente em seus romances, com suas vertentes ideológicas e com fortes discursos de ex-combatente, com fortes decepções e revolta com relação ao (des)governo em vigência, além de tratar de suas vivências cotidianas no exterior ou em províncias do interior do país. Assim, Pepetela vai ganhando prestígio com suas construções ficcionais de elevada qualidade estético-crítica para o surgimento da história da nação angolana, assim como a construção e a consolidação da mesma.

Deste modo, Pepetela transmite em seus textos conhecimentos que são construídos a partir de suas experiências e quase sempre em território ou cenário angolano, o que nos mostra sua habilidade de converter uma determinada realidade em ficção, mas além do incorporamento do senso histórico, não se descarta a liberdade de invenção do autor, tendo este, total liberdade no uso da sua imaginação para preencher lacunas ou frestas. No romance **Geração da Utopia** o autor nos dá pistas de que um dos personagens mais emblemáticos da obra é uma espécie de alter ego do mesmo, isso se dá devido as semelhanças das vivências, experiências e ideologias do personagem com a do próprio autor, além é claro das semelhanças dos discursos filosóficos e sociológicos de ambos.

Com relação as suas obras e suas inspirações, em entrevista concedida à Jane Tutikian, publicada na revista Organon (2009), o escritor afirma:

Não me parece possível o escritor separar a sua ideologia da sua prática de escritor. É claro que se pode pôr na boca dos personagens tudo o que se queira e a literatura em parte é isso mesmo, uma discussão/confronto entre personagens de ideologias diferentes, mesmo se elas não sabem o que isso quer dizer (...)

A fala do autor no fragmento da entrevista acima, explica muito bem toda a essência de suas obras, deixando claro que é muito difícil a não interferência de suas ideologias em sua prática de escritor, pois essa prática é um reflexo de seu histórico de guerra, seus ideais quando jovem, assim como sua participação política em seu país.

Em várias obras o autor vem revelar diversos aspectos e estratégias de produções artísticas, que ora se apropria do registro, ora da invenção, ora da experiência, ora de um determinado espaço geográfico, ora de reflexões filosóficas e pensamentos utópicos etc. Pepetela deixa transparecer como é um escritor consciente em relação à história de seu país.

Deste modo, para efeito de entendimento da produção da literatura de Pepetela, no livro **De voos e ilhas: Literatura e comunitarismos**, Benjamin Abdala Júnior (2007, p. 112) nos fala sobre o processo de criação e apropriação do escritor, levando em conta que os textos, quando veiculados, são objetos de apreensão da história e de uma possível conscientização de um país, e que

Ninguém cria do nada. Há a matéria da tradição literária que o escritor absorve e metamorfoseia nos processos endoculturativos, desde a apreensão “mais espontânea” do pequenos “causos” populares, ditos populares, canções etc., da chamada oralitura (“literatura” oral) até textos “mais auto-reflexivos” da literatura erudita. Ocorre, nesse sentido, uma apropriação “natural” das articulações literárias sem que o próprio futuro escritor se aperceba de sua situação de *ser social* e de “porta-voz” de um patrimônio cultural coletivo.

Fazendo uma pequena ressalva no que afirma Abdala, nas últimas linhas da citação acima, ao contrário de alguns escritores, Pepetela nos apresenta sim, textos/romances que sempre mostram seu interesse e consciência do *ser social*, tendo também total consciência de seu papel nas possíveis transformações do seu país. Assim, de uma forma mais singular, pode interpretar sua obra como “porta-voz” de um patrimônio cultural coletivo. Pois no momento em que o autor cita ou se apropria de lendas, “causos” ou ditos populares, para em seu romance nos contextualizar uma determinada situação ou nos dar exemplos para efeito de

entendimento da história narrada, ele já está sendo um porta voz de um patrimônio cultural coletivo angolano.

Visto isto, Pepetela por ter sido guerrilheiro e ter feito parte de uma geração que gestou a utópica libertação de Angola, participando das glórias e inglorias desta conquista, tem como diferencial em seu projeto literário, o uso da base histórica e “oralitura”², mesclando-se com a subjetividade, incorporando dessa maneira uma estética literária em uma descrição ou mesmo uma análise de fatos sequenciais históricos, tomando por uma perspectiva dinâmica, tudo há de se transformar em textos literários: as batalhas enfrentadas pelos guerrilheiros, a chegada e o abuso do colonizador, os saberes orais tradicionais, o sofrimento dos angolanos, o povo marginalizado e a crescente desigualdade entre outros.

Com a capacidade de expor suas vivências e experiências de bastidores da luta pela independência através de personagens, Pepetela foi construindo assim seus personagens emblemáticos, clichês, filosóficos, oportunistas e que nos fazem refletir os distintos papéis que podemos assumir em uma sociedade, principalmente na construção de uma nova sociedade.

² O termo oralitura, cunhado pelo haitiano Ernst Mirville e usado pela primeira vez em 1974, tradução do termo francês oraliture, surge como um neologismo que destina um espaço específico para a literatura oral, sem se confundir com a mesma. SANTOS (2011)

4 A GERAÇÃO DA UTOPIA: contextualizando a obra

O capítulo anterior nos abre a mente para um entendimento ou uma análise mais bem elaborada da obra aqui investigada, pois no que diz respeito à participação dos jovens na construção da independência de Angola, o autor e sua história nos permitem entender alguns aspectos de produção do romance **A geração da Utopia**. Não hesitando em seu repertório, Pepetela recorre às fontes históricas, reinventando seu passado com críticas sociais e sátiras ao presente. Como já foi afirmado no capítulo anterior, Pepetela deu e dá preferência ao gênero romance, com narrativas longas para que desta maneira projete as experiências por ele recolhida, vivida ou inventada.

Dado isso, nossa análise referente a representação dos jovens na independência de Angola em **A Geração da Utopia**, parte de três pressupostos: a criação e manutenção de um projeto imaginário (país novo e justo), a formação de jovens intelectuais (investimento na educação) e a participação dos jovens na guerrilha pela independência de Angola. Para iniciarmos a nossa análise temos que entender alguns aspectos da obra.

A narrativa de **A Geração da utopia** apresenta um romance fictício-histórico, e tem uma linguagem mais direta, um estilo seco, sustentado pelo anseio de revelar situações injustas, mas com grandes inclinações a possíveis mudanças. Pepetela procurou se enquadrar nesse tipo de projeto, “sendo este apto a catalisar questões que pudessem definir o ser (e o estar) angolano” (Chaves, 2005, p.88)

O romance se divide em quatro partes, sendo no mínimo 5 e no máximo 11 capítulos, finalizados com epílogos em cada parte, há intervalos de 10 anos entre cada uma das partes que se passam em tempos e cenários narrativos diferentes. É de extrema importância ressaltar que as duas primeiras partes do romance se trata de luta pela independência de Angola do domínio Português, ou seja, é a fase de uma preparação da conquista da independência; que inicia em 1961 e finda em novembro de 1975; e nossa análise irá se concentrar nessas referidas partes - a Casa (1961) e Chana (1972). As duas últimas partes – O

polvo (1982) o Templo (a partir de julho de 1991) acontecem em um outro momento da história angolana, abordando a fase posterior, momento da guerra civil, iniciada logo após a libertação nacional devido a incompatibilidade de ideais políticos dos partidos, até então aliados pela independência, que teve fim em 1991, ano da assinatura do acordo de paz para Angola (acordo violado em vários momentos) a essa parte cabe uma outra análise, em um outro momento quem sabe.

O próprio título do romance já nos incita a algumas interpretações da obra, mas ao longo do seu desenvolvimento o termo “geração” ganha todo um sentido. E no intuito de contextualizar e entender o romance, devemos levar em consideração que vários acontecimentos se deram até no momento da escrita da obra, principalmente o surgimento de uma utopia da libertação nacional, a luta intensa e até após a independência, CHAVES (2005, p. 97) evidencia que

Durante essas três décadas, iniciou-se a luta armada pela independência, nasceu o país, ensaiou-se o projeto socialista, transcorreu a guerra de agressão movida pelo regime racista da África do Sul, intensificou-se a guerra civil entre MPLA e UNITA, assinaram-se alguns tratados de paz jamais concretizados, optou-se pelo neoliberalismo, o multipartidarismo sucedeu o regime de partido único.

As transformações foram gritantes, e os jovens, em algumas instancias, foram o princípio e fim dessa “libertação” utópica, cabendo a eles gestar o projeto nacionalista, instituir um modelo de estado, investir na construção ou na fraude de uma sociedade orientada pelos valores socialistas. Enfim, uma geração que assim como pode iniciar acontecimentos históricos também pode findá-los ou reinventá-los.

De início, a primeira impressão é que o romance é uma continuação do anterior – **Mayombe** (1980) – sendo neste, gestado a utopia da libertação nacional e os possíveis problemas que viriam depois. Em geral, no romance **A Geração da Utopia** são apresentados, especificamente, alguns “heróis” antes e depois da independência, os resultados (negativos ou positivos) além dos bastidores e deturpações de ideias ou ideologias inicialmente adotadas por aquela geração.

Escrito no início dos anos 1990 na cidade de Berlim, o romance **A Geração da Utopia**, faz um balanço da utopia que mobilizou uma geração, e que

consequentemente, assume um papel importante no projeto idealizado e na assinatura da independência, a geração como protagonista.

A obra é rica em aspectos para análises, porém, lembrando que aqui cabe a investigação somente das duas primeiras partes da obra (A casa “1961” e A chana “1972”) e não ela como um todo. Essas partes são o suficiente para entendermos o processo da mobilização de uma geração em um projeto imaginado, assim como trataremos também do papel do jovem intelectual na conquista de uma independência. Acompanharemos a partir das vozes de jovens intelectuais - estudantes ou não- a idealização de um país utópico e que no decorrer do romance seu discurso vai ganhando outra forma, iniciando um processo de distopia, desilusão para com o que acreditava para seu povo, havendo também mudanças de um discurso idealista para um discurso oportunista.

No que diz respeito à divisão do romance, ele se divide em quatro longas partes: “A casa (1961)”, “A chana (1972)”, “O polvo (abril de 1982)” e “O templo (a partir de 1992)”. Ressaltando que em cada parte o cenário narrativo é diferente, em tempos históricos também diferentes, enquanto as duas primeiras partes acontecem no contexto da preparação e conquista pela independência de Angola, as duas últimas se passam no período pós-independência, já no período da guerra civil e da diluição do projeto imaginado. E o mais interessante é que não conseguimos estabelecer uma ordem com relação ao narrador, ele ora se aproxima, ora se afasta e às vezes se misturando ao narrado. Pepetela deixa claro que a narrativa é a partir de uma perspectiva de um determinado personagem que tem uma importância relevante no decorrer do romance, mas isso não o impede de uma hora ou outra interferir na narração. No próximo capítulo iremos destacar as duas partes, fazendo comentários isolados sobre cada personagem e sua representação - caso necessário - e respectiva participação, vivenciada ou projetada, e por fim quais suas contribuições e protagonismo no decorrer da estória.

4.1 A CASA: a geração como protagonista

A primeira parte do romance, “A casa”, tem como cenário narrativo Lisboa no ano de 1961, especificamente na CEI (Cada dos Estudante do Império), local de abrigo dos jovens das colônias portuguesas, também chamados por alguns de “o centro da revolução africana em Lisboa”.

Ano de muitos acontecimentos que marcariam as próximas décadas e com acontecimentos que mudariam cada personagem e suas respectivas histórias. Considerando o contexto histórico daquela época, estando em vigência o governo de Salazar³, com um regime político ditador e de opressão, os personagens vão se apresentando e em meio a esse contexto que surge uma geração com ideias semelhantes - assim como personagens com ideias totalmente contrárias - e com sérios interesses em uma política consequente. A cada capítulo, Pepetela adota uma forma única de produção, ele faz uma alternância na estória a partir de um determinado personagem, a cada capítulo o enredo gira em torno de um determinado personagem, sendo que mais à frente o desenrolar das estórias individuais se entrelaçam.

No tocante aos personagens, Pepetela faz a apresentação dos mais importantes nesse processo de independência, além de vários fatos explicativos que servirão para entendermos a sequência do romance e também analisarmos conclusivamente a posição dos jovens angolanos diante do início do movimento pela libertação. Havendo desse modo os revolucionários, os apolíticos e os oportunistas extremos

A narrativa centra-se como não é raro na obra de Pepetela, na perspectiva de uma personagem feminino que procura compreender as rupturas em processos no grupo de estudantes da Casa dos Estudantes do Império e perceber as linhas da crise detonada com o início da luta armada em Angola, CHAVES (2005, p.99)

³ O Salazarismo foi uma das mais longas ditaduras do século XX, inspiradas no modelo fascista. Durante este período Portugal viveu na censura, repressão e sob o poder autoritarista Salazarista. A ditadura chegou ao fim em 25 de Abril de 1974, derrubada pela Revolução dos Cravos, forte manifestação militar.

Sendo assim, o primeiro capítulo – parte I - inicia a partir da perspectiva da personagem Sara, estudante de medicina já no fim do curso, nascida em Benguela, filha de comerciantes brancos de origem judia economicamente bem situados, com forte interesse nos centros mais pobres, periféricos, local onde viviam aqueles que realmente precisavam dela. Como sempre advogara a medicina preventiva nas comunidades mais carentes, Sara já tinha uma preocupação com os problemas sociais da terra (como os personagens chamavam seus respectivos países), ela queria ter um papel relevante no tocante a sociedade, e esse seria o seu. O estado até então só servia a seus próprios interesses e aos ricos, ou seja, não ajudava as periferias e os mais necessitados e com independência essa realidade mudaria, acreditava Sara.

No primeiro capítulo, Sara faz uma papel de introdutora do romance ao leitor, fazendo uma breve apresentação do contexto vivenciado por ela e seus amigos da Casa dos Estudantes do Império (CEI) em Lisboa, ela faz uma breve análise da situação dos africanos em Lisboa e em seguida apresenta seus sentimentos em situação de exílio, o tom de perfeição de angola que a distância dava, sua forte admiração por Aníbal- personagem ufano de grande relevância- suas ideias contrarias a política de Salazar- governo ditador vigente- e por último, seus anseios e angustias com relação ao que se passava na Terra

Foram anos de descoberta da terra ausente. E dos seus anseios de mudança. Conversas na Casa dos Estudantes do Império, onde se reunia a juventude vinda de África. Conferências e palestras sobre a realidade das colónias. As primeiras leituras de poemas e contos que apontavam para uma ordem diferente. E ali, no centro mesmo do império, Sara descobria a sua diferença cultural em relação aos portugueses. Foi um caminho longo e perturbante. Chegou à conclusão de que o batuque ouvido na infância apontava outro rumo, não o do fado português. Que a desejada medicina para todos não se enquadrava com a estrutura colonial, em que uns tinham acesso a tudo e os outros nada. Que o índice tremendo de mortalidade infantil existente nas colónias, se não era reflexo direto e imediato duma política criminosa, encontrava nela uma agravante e servia aos seus objetivos. E demonstrou essas ideias numa palestra que fez com um medico cabo-verdiano, no ano passado. (PEPETELA, 2013, p. 11 -12)

Com um discurso patriota “Portugal uno e indivisível”, o governo Ditador de Salazar, tinha total influência na imprensa, e utilizava seu discurso nacionalista para demonizar o movimento pela libertação de Angola. E em meio a essa

realidade que se dá a primeira parte desse romance, os jovens e estudantes africanos começam a se articular, aderindo determinados movimentos pela libertação. Essas articulações aconteciam de várias formas: em idas dos estudantes a protestos, em palestras, nas produções literárias e científicas no meio acadêmico, em festas organizadas pelos alunos das colônias. Tudo isso acontecia em torno dos problemas e possíveis soluções para colônias.

A personagem Sara era uma grande articuladora e interessada nas questões sociais e políticas em geral, principalmente no que dizia respeito a terra (País de origem) em muitos momentos da obra isso fica evidente: quando ela ajudava os conterrâneos consultando-os e aconselhando, e quando ela fez uma convocação dos estudantes para que participassem dos protestos e das manifestações contra as ordens trabalhistas ocorridas em Lisboa. Esta atitude de Sara nos mostrou muito sobre alguns personagens, e como o quadro de diferentes interesses dos jovens da CEI já se formava.

Os estudantes angolanos já sofriam repressão devido ao crescente problemas raciais e o cerco da Polícia Política em Portugal, até porque a guerra já havia sido iniciada em Angola. Tudo lhes causavam medo, devido a radicalização das posições, e alguns angolanos não queriam mistura-se com portugueses, porque para alguns a luta deveria acontecer realmente na terra natal, não em Portugal.

Muitos jovens compartilhavam dos mesmos interesses que Sara, eles eram bem ativos no que diz respeito aos interesses e nos pequenos atos para ajudar no processo de libertação; tinham plena consciência da importância da educação para uma nova Angola liberta, e como uma classe intelectual ajudaria na formação de uma sociedade independente. Mas alguns tinham dúvidas em relação aos efeitos desses atos e manifestações sociais. Surge então o personagem Laurindo, um jovem da Gabela, mestiço, no seu primeiro ano de Portugal, com algumas curiosidades, dentre elas a de ver uma manifestação ou protesto social/política. Após sua ida a um protesto pela primeira vez, Laurindo começa a questionar qual seria o verdadeiro sentido de um protesto? Qual a sua função e os resultados? Sara com suas ideias progressistas, logo esclarece a importância dessas manifestações

– Num país com censura, onde não se pode saber nada pelos jornais ou pela rádio, dá para as pessoas se aperceberem que há forças contra o regime. É importante. E reforça a organização da esquerda (...) É uma primeira fase. Depois virão outras formas de luta.

Era evidente para Sara, Laurindo colocava-se na posição da outra malta angolana, para quem já tinha passado a fase das manifestações pacíficas. Sem se aperceber que primeiro tinha de haver organização e caldeamento pelas lutas de massas. (PEPETELA, 2013. p.26)

É notório que Pepetela já começa a trabalhar em seu romance os limites de cada jovem em relação a independência, aonde cada um iria chegar em nome da independência de seu País. Isso fica evidente em vários diálogos entre os personagens mais importantes do romance, tais como Sara, Aníbal, Vitor, Malongo, Furtado, Laurindo e Elias. Os personagens já citados, tiveram papéis distintos na luta pela independência, tanto na construção de uma sociedade quanto na solidez de um país independente, pois eles não comungavam da mesma ideologia, mas acreditavam na libertação de Angola e na construção de um estado equitativo. Isso era nítido na primeira parte do romance, sendo facilmente percebido nos discursos de alguns personagens, assim como quais seriam suas representações nessa luta pela independência e conseqüente quais seriam seus papéis na futura sociedade, como no diálogo entre Sara e Laurindo:

Há muito tempo que sou pela independência e sei que ela vai acontecer mais cedo ou mais tarde. Posso lutar por ela e à minha maneira lá vou fazendo o que posso. Mas também não queria que os meus pais fossem mortos só porque são brancos. Ou expulsos.

– Se te dessem a escolher, ou a independência ou a vida da tua família, sem possibilidade de meio termo?

– Pessoalmente custava-me muito, claro. Mas escolhia a independência, não tenho dúvida. Embora não fosse certamente o tipo de independência que desejava.

– És especial, Sara.

– Não, há outros. Os meus pais iam pagar por crimes que outros cometeram. Oh, o meu pai também não é nenhum santo, naquela terra ninguém enriquece a fazer Ações de caridade... Mas crimes não cometeu. Espero que seja uma independência que permita distinguir as ações das pessoas, que haja justiça. (PEPETELA, 2013, p. 27)

Além dos limites que cada personagem tinha, em relação ao preço pago pela independência, nesse e em outros diálogos dos personagens, Pepetela propõe também uma análise sobre a posição do branco no processo de independência. No dialogo acima, fica claro também o quanto eles eram jovens utópicos, idealizando um país independente e justo, com oportunidade para todos e

sem distinção entre branco e preto; achavam que a Independência traria justiça a todos.

Em 1961, ano que se inicia o romance, eclode a primeira ação pela libertação, atacando assim às prisões de Luanda libertando os presos políticos, se sabe se tinha ligação com o até então desconhecido movimento anti-colonialista, UPA⁴. Mas isso a princípio deu forte esperança de um futuro aos estudantes. Mas no decorrer das ações desse movimento, foram mostrando suas ideias distorcidas sobre Raça, libertação e nacionalismo, e ficou claro que não queriam uma independência de um país seguindo um bom programa de construção de uma nação, mas sim, um movimento tribalista, uma guerra racial.

Nas primeiras páginas do romance, percebemos os primeiros sinais sobre os reais interesses da UPA e quais eram o posicionamento desses jovens em relação a esse movimento- uns adeptos outros não, lembrando de seus reflexos na própria CEI, já havendo deste modo, uma separação de cores e raças, explicando assim, a guerra tribalista que se iniciava em Angola e que já apresentava fortes reflexos em Portugal, no início bem sutil, mas no decorrer do romance percebemos que o autor vai deixando isso mais em evidencia. E como consequência ou reflexo desse movimento racista, há uma crescente discriminação na metrópole. E Sara, sendo branca, integrante do grupo de jovens utópicos, começara a se sentir excluída das notícias da terra e no andar do movimento.

Surge o personagem Aníbal que mais tarde seria conhecido como Sábio -citado desde os primeiros capítulos do romance, Sempre agarrado aos livros e às ideias, um dos personagens mais conscientes criado por Pepetela. Não era um tipo alegre, isso se dava ao seu alto nível de consciência e não alienação política e social, sendo isso muito mostrado em todo o desenrolar do enredo. Com o desfecho da história, Aníbal não se perdeu no sistema, com suas posições progressistas e forte interesse político que foram vistos e não apreciados por alguns desde os tempos de academia - foi lá que ganhou força -fazendo assim

⁴ União dos Povos de Angola (UPA)

palestras e defesas de trabalhos. Mais à frente seria conhecido como sábio - seu nome de guerrilheiro- era aspirante miliciano, formado em Históricos-filosóficas, fazia Serviço militar obrigatório, e todas as semanas aparecia na Casa para rever os amigos e tratar sobre os acontecimentos da terra.

Aníbal foi contatado pelo movimento MPLA (movimento popular de libertação de Angola), como acontecia, os jovens eram mobilizados pelos movimentos oriundos na Europa para assumirem papéis na luta pela libertação. Ele sendo um jovem com grandes representações e destaque no centro acadêmico, apresentava um grande potencial, além de sua experiência militar que eles tanto precisavam. Logo, ao serem percebidas as distorções do Movimento UPA, inicia-se os primeiros rumores a respeito do surgimento desse novo movimento, organizado no próprio exterior, já que os angolanos não tinham tal organização. Esses movimentos mobilizavam jovens, filhos legítimos, para as suas lutas ideológicas dando dessa forma, um peso moral ao seu programa político, em uma conversa com Sara, Aníbal nos esclarece alguns pontos

(...) O Mário de Andrade e o Viriato da Cruz é que estão à frente, pelo menos no exterior. Dizem que foram eles que organizaram os ataques às prisões em Luanda. Chama-se Movimento Popular de Libertação de Angola, MPLA.

– Os comunistas são os únicos que têm uma organização eficaz. Dominam o movimento estudantil e podem ter a certeza que os estudantes não fazem nada sem o seu apoio ou pelo menos o seu aval. Até na Casa. Sem que a malta saiba, eles têm grande influência. Os movimentos anticoloniais que foram surgindo, mesmo que independentes, foram sempre mais ou menos camufladamente encorajados por eles. Numa base de trabalho unitário, o importante era derrubar o fascismo em Portugal e o problema das colónias resolvia-se automaticamente. Houve sempre quem quisesse fazer as coisas de outra maneira, mas acabava por aceitar essa influência, porque uma coisa é falar como nós fazemos e outra é organizar e saber combater realmente a PIDE e os outros alicerces do fascismo.

Eu tinha relações com eles. Servia de ligação com grupos de estudantes mais conscientes das colónias que se organizavam para debater os problemas ou mesmo encarar algumas ações. Mas nunca fiz parte dos seus quadros. Por quê? Porque me sentia angolano e achava que cada um devia trabalhar no seu setor, embora com ações coordenadas. Mas eis que surgem os acontecimentos de Angola e o nacionalismo angolano afirma-se. Muito confusamente, mas afirma-se. Agora há duas posições. Os comunistas acham que se deve trabalhar no interior do regime e derrubá-lo por dentro. E os nacionalistas angolanos, cada vez mais radicais, pensam que os angolanos devem lutar em Angola, de forma absolutamente independente e sem ter nada que ouvir os papás da esquerda portuguesa. Lutamos pela independência do país e por isso devemos ter movimentos políticos absolutamente independentes. Somos

nós, com a guerra em Angola, que vamos derrubar o fascismo. Esta é a maka. (PEPETELA, 2013, p. 42)

A unidade de Aníbal é mobilizada e isso é o ápice dessa primeira parte do romance, pois essa ação teria uma grande representação e de uma certa forma, foi um divisor de águas para a os jovens Angolanos em Lisboa. Pois o fato de Aníbal ir para sua terra natal lutar contra seus conterrâneos, indo dessa forma contra todos seus princípios, natureza e ideais, poderia ser a precoce gestação da distopia. No entanto, Sacrificar-se em nome da terra já era uma possibilidade para Aníbal; para ele mais que para qualquer outro, por isso desertou ao ser notificado oficialmente a respeito da mobilização. Ao desertar se instalou um grande sentimento de esperança entre os jovens angolanos estudantes da CEI e Inicia-se as articulações para sua saída de Portugal, e conseqüentemente unir-se ao movimento da MPLA, é o início do seu grande papel na libertação de Angola, dar-se partida a uma nova fase para a geração, a atitude de Aníbal serviria de exemplos para muitos da colônia, não havendo desse modo uma certa desilusão, Aníbal foi coerente com suas atitudes.

O oportunismo é um fato presente em todos os momentos da história de Angola, seja na época da Angola colonial ou pós-colonial. Dados os acontecimentos resultantes do movimento ou do próprio colonialismo, o oportunismo mais uma vez se torna mais evidente, já no início dos “movimentos revolucionários”, seja por parte dos brancos, negros, mulatos ou mestiços.

(...) por outro os negros que se podem revoltar a qualquer momento e que dizem que os mulatos são como os pais brancos. Quando o mar bate na rocha, quem se lixa é o mexilhão. O mulato é o mexilhão. Por isso compreendo o que disseste há pouco. Não são só os brancos progressistas que estão em situação difícil.

Claro – disse Sara. – E também os negros que estudaram ou que têm empregos razoáveis, raros é certo. Também devem ser olhados com desconfiança pelos irmãos de raça, porque subiram no meio dos brancos. E pelos brancos, que os consideram terroristas. (PEPETELA, 2013, p. 28-29)

O colonialismo tem como característica a exploração, apropriação e submissão territorial, econômica e cultural de um lugar, povo ou raça, considerando isso, a partir de agora se estabelece algumas reflexões sobre o colonialismo, ou ele estaria somente sendo (re)construída a partir dos

estranhamentos entre negros e brancos? Sendo assim, algumas posições e situações de antes e durante o movimento anticolonial trouxe consigo um redirecionamento aos personagens, fazendo com que esses refletissem sobre a implantação e manutenção do colonialismo. No romance, Pepetela cria diálogos entre os personagens sendo feitas análises sobre a contribuição consciente e inconsciente do negro para a manutenção do colonialismo, criando-se assim alguns conflitos internos nos personagens a respeito das raças e as suas diferenças. A personagem Sara, como uma boa idealista política e social, era relutante em acreditar que existia sim, uma diferença entre negros e mulatos, sendo os mulatos visto como aqueles que ajudaram no processo de colonialismo.

Há aí uns grupos de negros que não querem nada com os mulatos. Não são muitos, mas existem. Dizem que a elite angolana é constituída sobretudo por mulatos e que esses não os podem dominar. Que essa elite ajudou o colonialismo a implantar-se e aproveitou-se dele. Acabam por apoiar a UPA, lá bem no fundo e muito escondidamente. (PEPETELA, 2013, p.29)

O colonizado só pode adquirir uma personalidade de homem livre se exercer a violência. Qualquer violência se justifica assim. Como o filho que mata o pai, pelo menos em sonhos, para se tornar adulto, - Por essa teoria, a violência da UPA justifica-se” (PEPETELA, 2013, p.71)

Nos fragmentos acima, nas conversas entre os personagens Vitor e Elias sobre a UPA, fica claro que alguns personagens não comungavam dos mesmos ideais, mas tinham algo em comum, queriam a libertação de Angola, não interessando os meios. E o autor no decorrer da trama sempre retoma ao colonialismo, ele faz uma ponte entre o momento vivido pelos angolanos em 1961 e a tese de Aníbal, que tratava sobre o colonialismo *versus* capitalismo, e como a elite da época contribuía ao colonialismo, que no século XIX os mestiços, em sua maioria, alimentaram esse sistema, além dos brancos e negros. Conhece-se, dessa maneira, um papel histórico de determinado grupo social, seja positivo ou negativo, sem por isso tomar atitudes políticas radicais em relação a seus descendentes, Coisa que os defensores das teorias da UPA apoiavam: eles afirmavam que para acabar com o complexo de inferioridade inculcado pelo colonizador, somente a violência do colonizado resolveria.

Dando sequência ao romance, Pepetela, com personagens distintos, dar um nível de pluralidade nessa geração utópica, isso acontece quando ele dá voz também a um personagem apolítico: Malongo, era grande e forte, a cara toda aberta num sorriso, era muito alegre, e isso se devia a grande falta de consciência política que tinha- ao contrário de Aníbal - era o típico malandro africano, jogador de futebol e mulherengo, tinha fama de brincalhão e mentiroso, nunca se sabia onde começava um e terminava o outro. Na apresentação que o narrador faz do personagem, fica bem claro os interesses dele: dinheiro, carrões, mulheres, fama e festas, além das aventuras amorosas. A pequenez de seus sonhos se reduzia a prazeres momentâneos e um status que a vida no futebol proporcionava.

Malongo viera há cerca de quatro anos, jogar futebol e estudar conseguira emprego num clube grande, o Benfica, e alugara o quarto. Mas não conseguia ascender à equipa principal e o salário não era grande. Com os treinos constantes, deixou de estudar. Os amigos insistiam para ele ao menos terminar o liceu. Nada feito chumbava regularmente no último ano (PEPETELA, 2013, p.6-7)

Denise tem um papel simbólico no romance, uma francesa, um dos casos de Malongo, ela tem um papel bem representativo logo no início dessas mobilizações, pois uma francesa no início das articulações dos jovens utópicos tem muito a nos dizer, estando entrelinhas, pois a França era vista como o novo Éden para os estudantes e o berço das revoluções. O papel simbólico de Denise nessa obra era de mostrar os franceses e seu posicionamento em relação a independência e sua participação nesses movimentos de libertação de uma colônia francesa na África.

Pepetela também destaca nessa primeira parte outros personagens, com pouca relevância no romance, mas que na realidade tiveram uma boa representação no movimento pela libertação, com sua importância na conscientização, os intelectuais angolanos com ideias revolucionárias usaram a literatura como arma. O personagem literato, o poeta do romance, que fazia publicações no boletim da casa se chamava Horácio, um mulato que sempre falava das influências da literatura brasileira, citando Drummond e Pessoa, e suas respectivas poesias trazendo os problemas sociais da época e com uma

linguagem popular. Corroborando com as teorias sobre as revoluções e guerras iniciarem nos livros e depois que ganhavam forma.

Outro personagem sem muito destaque na obra era Furtado, branco filho de roceiros de café no Norte, local dos ataques. Era defensor da independência de Angola abertamente, mas se encontrava em uma posição difícil, pois a guerra se tornara mais racial, e sendo branca sua família consequentemente seria alvo da UPA.

E por último e muito importante, Pepetela nos apresenta o indefinido Vitor Ramos (que um dia adotaria o nome de Mundial- nome de guerra) estudante de veterinária, amigo de Malongo, reprovado dois anos seguidos, de Huambo. Ele aparece logo nas primeiras páginas do romance, mas Pepetela só lhe deu uma posição de destaque nos últimos capítulos dessa parte. Estendemos dessa forma que isso se deu graças as transformações que o personagem estava sofrendo. Transformações maiores ocorreriam ao longo do romance e, Pepetela vai nos apresentando fatos para que haja esse entendimento, se acentuado na segunda parte. Vitor inicialmente era aquele jovem sem muita importância, mas que compartilhava do sonho utópico de Angola, com ideais revolucionárias, não era adepto a UPA assim como Sara e Aníbal.

No próximo subcapítulo iremos desenvolver melhor essa ideia de transformação de ideologia, considerando os acontecimentos ao redor do personagem, a própria índole e sua personalidade, que fez com que seu discurso ganhasse outro teor, assim como as influências do conhecimento avançado, adquirido ao longo das discussões e contato com os comitês dos movimentos anticoloniais.

4.2 A CHANA: a mudança no discurso, aspectos sociais e valores individuais dos personagens

A *chana*, segunda parte do romance, acontece durante a guerra civil em Angola em 1972, após 10 anos de articulações tratadas na primeira parte do romance. De acordo com o dicionário informal, A chana é um Termo angolano que designa uma vasta planície coberta por capim alto e pequenos arbustos, típica da

região leste de Angola (também pode ser grafado xana). E essa parte da estória se passa nesse cenário narrativo, em Angola, no período da guerra; o autor faz constantes analogias entre esse cenário e a situação vivenciada pelo país, sendo um recorte da obra que focaliza a fuga dos guerrilheiros para uma fronteira refúgio, local dos fugidos da guerra e suas mazelas.

Diálogos entre Mundial e Sábio, os dois personagens mais importantes/representativos da obra, são constantes nesta parte específica, sendo Vitor o personagem visto como “aquele indefinido” na primeira parte do romance, o mesmo estudante de veterinária que reprovava duas vezes enquanto estudava em Lisboa; E Aníbal, o guerrilheiro consciente, intelectual e com fortes teorias filosóficas e sociais. Mas esta parte é toda desenvolvido em torno de Vitor, o mundial, mesmo mostrando o desfecho de alguns personagens importantes da parte anterior, após a fuga para a França.

Pepetela escolhe justamente uma das anotações de Aníbal, que filosofa sobre o conceito de chana, utilizando metáforas no intuito de falar sobre a visão dos otimistas e pessimistas em relação as diversas situações vivenciadas na guerra, assim como faz analogias sobre travessia da chana e a guerra pela independência, então Aníbal conclui: não será vão definir CHANA?

A chana tem como vetor Vitor Ramos, o Mundial, como ficou conhecido nos anos de guerra. Essa parte do romance vem descrevendo os acontecimentos e sentimentos que se sucedem em uma travessia ambígua do personagem, acontecem dois tipos de travessia, uma no sentido real, se tratando de espaço (a chana) em direção ao leste- a fronteira- local de refúgio no período da guerra pela libertação; e a outra mais em um sentido de uma travessia/ mudança de fase, havendo mudanças ideológicas e psicológicas do personagem em relação a guerra e o movimento. Segundo Chaves (2005, p.100) nesta parte do romance “altera-se o tom e o ponto de vista da narrativa “[...] é perfeitamente possível detectar as contradições e insuficiências que levariam os desvios do projeto”, gestado e sustentado em “A casa”.

Isso acontece após vários fatos ocorridos anteriormente: Após a fuga dos estudantes de Lisboa em 1961; as primeiras articulações para a tão sonhada

participação na luta pela independência; os primeiros sinais de esperança por uma terra justa e liberta para todos os angolanos. Nesse lapso temporal passara-se muita coisa, alguns personagens assumiram realmente papéis importantes no movimento, com representações distintas: uns foram estudar, formando assim a classe intelectual; outros foram para guerra - local da luta concreta- sendo guerrilheiro ou trabalhando nos bastidores e outros mantiveram-se afastados e alienados ao que estava acontecendo.

Percebemos logo nos primeiros capítulos a mudança nos discursos, o nacionalismo já não era tão gritante, “ Na dureza das ações, a solidariedade já não é tônica, e os procedimento divisionistas cumprem a terrível função de anunciar a precariedade da vitória” (CHAVES, 2005, p. 100). Começamos a perceber a falta de valores individuais ganhando força e um discurso frustrado ganha terreno, alterando-se assim o quadro pintado em “A casa”. Há visivelmente uma incompreensão de ideias, intrigas e rivalidades que nos dão a entender que os motivos que os levaram a luta não existiam mais ou estavam sendo estilhaçados.

Vitor, é a clara representação dessa mudança de discurso e um exemplo de projeto de oportunista, sendo que antes perseguia um sonho coletivo. Fazendo uma análise, e lembrando o que vivera nos últimos dez anos após a fuga de Lisboa o personagem faz uma retrospectiva de seus últimos anos: alguns anos na Europa, aproveitando a vida libertina e livre que a França proporcionava, Foi amante e viveu as custas de sua amante por algum tempo; Trabalhou em uma publicidade e depois fora demitido por não cumprir suas obrigações (primeiros sinais das perdas dos valores de Vitor) foi novamente chamado pelo movimento, inicialmente era formador político, consequência de ter estudado, depois se tornou responsável a nível zona.

Mas ele aceitara vir para a luta, sem grande resistência. Estava farto de discutir revoluções nos cafés com africanos e latino-americanos, revoluções falhadas à nascença. Estava farto dos comitês europeus de apoio às lutas do Terceiro Mundo, mais revolucionários que os próprios, que exigiam moral de seminário e se escandalizavam com a libertinagem dos africanos. Como os padres europeus em África, o mesmo tipo de gente, só que mais rota e suja. Apesar do seu discurso avançado, ele acabou por se incompatibilizar com os tipos dos comitês (...) Os tipos dos comitês também reprovavam o pouco empenho em participar no trabalho dos sempre iguais boletins de informação, inventando sucessos no Terceiro Mundo e provando por A mais B que a revolução mundial era

para amanhã. Queriam-no metido nas lutas ideológicas deles, dando peso moral dum filho legítimo de África às querelas sobre as vírgulas de um programa político qualquer. (PEPETELA, 2013, p. 121)

No recorte supracitado, fica evidente que Vitor após a fuga de Portugal, não demorou muito para se cansar das ideias revolucionárias, dessa forma, saiu das questões teóricas revolucionárias e resolveu ir para guerra de fato. Já é perceptível o desencanto do personagem observando seu discurso e com suas frequentes lembranças da vida na Europa, que aliás, muito mostra o tipo de estudante que era, apresentando pouco empenho nos trabalhos exigidos dos comitês e de forte inclinação a libertinagem e futilidades.

Havia uma importância grande na formação política dos jovens Angolanos, é um dos aspectos verificado na representação dos jovens na independência e, cabia aos mais conscientes as verdadeiras revoluções, a educação era um dos investimentos dos envolvidos na organização do movimento, buscando-se assim formar intelectuais e profissionais para a futura Angola liberta. Portanto, conhecer, se apropriar das teorias de Marx e Lênin e saber alia-las a prática era um dos principais papéis desses jovens.

Um outro aspecto verificado na referida representação dos jovens no romance foi o fato de ser guerrilheiro, nessa parte da obra iremos nos aprofundar nesse ponto da luta concreta, sendo os guerrilheiros os personagens principais. Iremos nos ater às mudanças de posicionamentos e distorções de ideologias que os personagens começam a apresentar, sendo perceptível a alteração do ponto de vista da narrativa.

Para isso, Pepetela usa constantemente o recurso das analogias, sempre trazendo para situação de guerrilha, por meio da voz de Mundial (Vitor), momentos vivido na Europa, comparações entre a chana, floresta e a guerra, e lembranças de um projeto de uma nação livre muito alimentado em “A casa”. Agora, Pepetela faz suas reflexões acerca das situações que envolve uma guerra e também sobre as mudanças ocorridas no decorrer dessa guerra, assim como suas contradições, considerando os valores de cada personagem.

O ananás castiga a impaciência, é como uma operação militar. (PEPETELA, 2013, p.121)

Francine se justificava, era devido à sua ascendência proletária. Arvorava o tinto como o aristocrata o brasão. Vira isso em certos intelectuais europeus que, à falta de vivência ou ação provando proletarismo, iam buscar socorro à origem, real ou imaginária, agora que deixara de constituir perigo ou vergonha. Tais alguns mestiços que, na fase do nacionalismo triunfante, recusavam o pai branco para se apresentarem unicamente como filhos da mãe negra. E não se atrapalhavam com essa estranha partenogênese. Ou o outro, este já cabrito, fronteiras-perdidas, que à falta de mãe negra foi agarrar-se à avó, utilizando o dela como seu nome de guerra. Como se isso escondesse a palidez da cara (PEPETELA, 2013, p.122)

Mundial passa muito tempo recordando os fatos vivido na Europa, na época de estudo no lar universitário, eram alunos recrutados pelo movimentos e comitês; com um ar de saudade recorda vários fatos ocorridos em Paris, sempre com um tom de ironia quando retoma ao seu presente. No recorte da obra *Acima* percebemos o nacionalismo em sua fase oportunista e conveniente. Vitor, antes contrário ao tribalismo, expõe seus pensamentos a respeito da posição do negro e mestiços, concluindo que tem orgulho de sua cor negra e que a posição do negro alterou-se com o passar dos anos “ hoje, ser negro é ter uma arma e combater contra o colonizador, seja ele ou não branco [...] o branco é o dono da técnica e da potência, mas não é um deus. E a branca hoje deseja o negro” (PEPETELA, 2013, p.161).

Outro ponto analisado no decorrer dos capítulos, é a perda do nacionalismo ufano, o personagem deixa de lado o lema “lutar até morrer pela independência” e um dos seus pensamentos em momentos extremos no combate era render-se, aproveitando-se do cunho “ psicossocial”, a política não era matar, era apanhar vivo, para desse modo irem as rádios pregar arrependimentos para que os outros se entregassem, desencadeando assim uma rendição em massa.

A guerrilha construiu um novo inimigo. A utopia ganhara um novo inimigo, os próprios guerrilheiros. A fome, o medo, a desilusão, estado e sentimentos gerado no cenário da guerra que contribuía para o desencanto antes do fim da guerra de libertação. Vitor começa também a se questionar sobre o fato de ter se voluntariado para guerra, concluindo que seria um “voluntariado forçado”, também chamado de consciência política

Nome bonito para nos enganarmos. Nuns, é para se enganarem; são os idealistas. Noutros, é para enganarem os outros; são os vivaços. Tudo uma aldrabice. Aqui estou eu, perdido, a sofrer da fome e do frio,

sabendo apenas que a salvação está no Leste. Para quê? Uns tantos no exterior utilizam o meu sacrifício e o de tantos outros para chegarem aos países amigos e receberem dinheiro. Desse dinheiro, metade vai para os seus bolsos e dos parentes e amigos. A outra metade serve para aguentar a guerra. Esta parte destinada à guerra é o capital investido para apresentarem êxitos aos amigos e receberem mais, não é por estarem interessados em libertar o país. Já fui parvo, já acreditei na boa fé de toda a gente. Agora já não me levam. Foi a última vez que vim combater. Se pensam vou voltar ao interior estão muito enganados. Vão lá eles, os donos da guerra. Vão ver se se pode lutar assim, sem mantimentos, sem povo, com guerrilheiros que fogem ao primeiro tiro. Claro, vão dizer, se os guerrilheiros não são corajosos, é porque os responsáveis não os moralizam. Mas como moralizar um homem que se apercebe de todas as injustiças? Vão dizer, isso é influência da propaganda inimiga, os pequeno-burgueses infiltraram-se na guerrilha... Que somos nós todos senão pequeno-burgueses? Se é propaganda do inimigo, ela constata uma realidade. Ou o inimigo é sempre mentiroso? (PEPETELA, 2013, p.164)

Com esse e outros trechos dos discursos de Vitor percebemos o que CHAVES (2005, p. 101) afirma sobre essa referida parte do romance, ela diz que “as diferenças deixam de ser diversidade para se transformarem em capital de negociação, em patrimônio para obtenção de vantagens na sociedade ainda em formação.”

Mas assim como a guerra, Vitor era confuso, às vezes ainda tinha resquício de esperança sobre a guerra e o movimento, chegando a ser otimista muitas vezes.

Especificamente no quinto capítulo de “A chana” os personagens Vitor e sábio analisam e fazem um balanço da guerra, até aquele momento. Uma análise das promessas feitas, do regionalismo, do oportunismo, do tribalismo. Tentando desta forma se encontrar e saber quais são seus respectivos papéis nesse projeto e como poderiam alterar quadro em meados de 1972. Desse modo, há muitas acusações: ao movimento, ao projeto utópico, aos guerrilheiros, a questões regionais, as promessas realizadas

O colonialista é colonialista, acabou. Dele não há nada a esperar. Mas de nós? O povo esperava tudo de nós, prometemos-lhe o paraíso na terra, a liberdade, a vida tranquila do amanhã. Falamos sempre no amanhã. Ontem era a noite escura do colonialismo, hoje é o sofrimento da guerra, mas amanhã será o paraíso. Um amanhã que nunca vem, um hoje eterno. Tão eterno que o povo esquece o passado e diz ontem era melhor que hoje. (PEPETELA, 2013, p.169)

O desencanto se alastrou e Aníbal foi um dos afetados, seu discurso também se alterou com o passar dos anos e com os desmandos da guerra. Mas sua lucidez não perdera, enquanto muitos culpavam os do Norte pelos (des)governos da guerra, pelos abusos e crimes de comandantes caindo assim no regionalismo, Aníbal não generalizava, sempre alertava sobre culpabilização generalizada.

Durante “a travessia”, repensa-se sobre vários conceitos, tais como a guerra, a fome, o oportunismo. Alterou-se discurso de acordo com os acontecimentos da guerra, alterou-se até o verdadeiro sentido da guerra; antes, para os então guerrilheiros, a guerra era necessária em nome da independência. Agora a guerra é só um pretexto “para os fracos se convencerem de potência ou os criminosos cometerem legalmente atos de sadismo, se não legalmente pelo menos justificadamente (PEPETELA, 2013, p.188).

As analogias eram constantes no decorrer da travessia, Pepetela se apropria facilmente desse recurso para mostrar as mudanças e consequências da guerra. Os últimos 4 (quatro) capítulos trazem no discurso dos personagens um tom forte de ironia e desencanto, apresentado por último as últimas ações para mudar a realidade desencantadora da guerra, apresentando deste modo uma última solução para se vencer a guerra. Aproveitando-se disso, Vitor começa com suas articulações para assumir cargos de chefia, apresentando dessa forma discurso demagogos, típico de políticos.

Ao fim, no ultimo capítulo fecha-se mais um ciclo: mata-se os sonhos, os ideais coletivos e abandona-se as utopias. Comprova-se assim, as mudanças de discursos, considerando os acontecimentos após a idealização do projeto de libertação e as escolhas individuais de cada personagem. Para a morte das promessas e dos ideais, o personagem Vitor fez uma analogia com a morte de um animal, que serviu para dar força a ele e aos companheiros para chegar até a fronteira, lugar de refúgio da guerra. A comparação surge quando ao fitar os olhos do animal isso o faz lembrar dos olhos três personagens bem representativos para ele no decorrer dessa travessia, os da estranha Mussole (amada morta de Aníbal) os mais que conhecido de Marilu (sua amada que o abandonou) e os de

Aníbal (o seu amigo e consciente Sábio), sendo aquele momento o de corte de laços ou qualquer coisa que o prendesse ao passado, nascendo assim o sujeito egoísta, oportunista com interesses vantajosos na sociedade ainda em construção. E assim finaliza Vítor

Não, nada já tinha importância. O passado fora enterrado na areia da chana e mesmo as promessas e os ideais coletivos. O que importava agora era o que iria encontrar na penugem azulada do futuro, o seu futuro. Ele, Mundial, já estava a salvo, já tinha um futuro. E o Sábio? (PEPETELA, 2013, p. 224)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise sobre a importância dos estudos da literatura africana de expressão portuguesa mais especificamente considerando a literatura angolana e um de seus mais aguerridos representantes: Pepetela. As riquezas de análises são imensuráveis, são tantos aspectos a serem considerados que sempre corremos o risco de sermos superficiais em alguns, deixando de lado fatos e considerações realmente importantes. Em *A Geração da Utopia* encontramos alguns dos aspectos da cultura angolana, que foram tratados ao longo do nosso estudo, e identificamos sua forma de produção diferenciada. Alguns desses aspectos são: a apropriação de acontecimentos históricos; a “literatura de combate” sendo uma forte característica desse romance de Pepetela e a busca de uma identidade cultural.

No contexto africano, considera-se que a literatura angolana se divide em dois momentos, sendo o primeiro o momento ou situação de independência e o segundo o nascimento duma consciência nacional. Percebemos que a obra aqui analisada se enquadra nesses dois momentos, sendo que “A casa” e “A chana” - partes do romance ora investigado - pertencem ao primeiro momento, pois houve nesse período uma maior disseminação no processo de consciencialização e na construção da ideia de nação angolana.

É bom ressaltar, considerando o romance analisado, que a Autoficção é característica da literatura Angola e conseqüentemente do projeto literário de Pepetela, sendo “ [...] uma variante pós-moderna da autobiografia, na medida em que se desprende de uma verdade literal, de uma referência indubitável, de um discurso historicamente coerente, apresentando-se como uma reconstrução arbitrária e literária de fragmentos esparsos da memória” (DOUBROVSKY apud HIDALGO, 2013, P.233). É nesse contexto que se encaixa Pepetela e seu romance, um autor que muito refletiu em suas obras - e em **A Geração da Utopia** não seria diferente- suas vivências e os movimentos de ascensão e de queda dos sonhos libertários estão contidos do início ao fim da obra aqui investigada.

Sabemos que Pepetela, parafraseando ABDALA (2007), fez parte de uma geração que se articulou em Lisboa, em torno da Casa dos Estudantes do Império e de sua utopia social, figurada politicamente nos movimentos de libertação nacional. E é nesse cenário que Pepetela se inspira para seus registros em **A Geração da Utopia**, aproveitando-se da memória e acontecimentos históricos, fazendo uma incursão ao passado para dessa forma refletir sobre os acontecimentos da luta pela independência.

Em **A Geração da Utopia** identificamos os papéis distintos que os jovens podem assumir em relação a construção de uma sociedade; a começar por aquele jovem consciente político e social, preocupado com uma nação, com ideais coletivos e socialistas, passando por aquele alienado que não faz questão de se envolver nesses assuntos político-social e chegando aos oportunistas, que ao perceberem a situação em que Angola se encontrava nesse processo de construção e se estabelecendo como sociedade, visam aproveitar-se do momento para fins capitalistas.

Logo, os três pressupostos considerados para identificação da representação de jovens angolanos, são facilmente identificados no decorrer do romance, tais como: a representação dos jovens na elaboração do projeto e nas articulações da libertação de Angola, encontrado facilmente nos capítulos de “A casa”; na formação intelectual desses jovens para uma Angola liberta, projetados pelo autor nos personagens Sara, Aníbal, Horácio, Laurindo e Furtado e por último na representação desses jovens na guerrilha pela a sonhada independência de Angola. Portanto, compreendemos no romance que a história e a literatura estão fortemente imbricadas, em um processo de (re)conhecimento do passado para assim compreendermos o futuro, e que a função de relembrar fatos e dados é uma construção genuína de textos literários africanos. Na construção de uma sociedade os jovens podem assumir papéis distintos e esse papel de sujeito de uma sociedade pode ser relevante positiva ou negativamente.

REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. **De vôos e ilhas: Literatura e Comunitarismo**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007. 243 p.

AMÂNCIO, Iris Maria da Costa. **Entraçamento discursivos na Literatura Angolana do pós-independência (história, etnicidade e estética)**. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiências coloniais e territórios literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

HIDALGO, Luciana. Autoficção brasileira: influências francesas, indefinições teóricas, Revista ALEA, Rio de Janeiro, vol. 15, p. 218-231, jan./jun. 2013.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: mobilidades e trânsitos diaspóricos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2015. 248 p.

FONSECA¹, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. **Revista ICALP**, Lisboa, vol. 10, p. 51-79, Dez.1987.

MARGARIDO, A. **Estudos sobre Literatura das nações africanas de Língua Portuguesa**. Lisboa: A regra do jogo, 1980.

OLIVEIRA, Fernandes, M. A. de. **A Formação da Literatura Angolana (1851-1950)**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1985.

PEPETELA. **A geração da Utopia**. São Paulo: LeYa, 2013.

RUCKERT, Gustavo Henrique. A geração da utopia em tempos de distopia. **Nau literária: crítica e teoria de literaturas**, Porto Alegre, v. 07, n. 01, p. 01-12, jan./jun. 2011.

SANTOS, Margarete Nascimento dos. Entre o oral e o escrito: a criação de uma oralitura. **Babel: revista eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, Salvador, n. 01, dez. 2011.